

## AUGUSTO NUNES

**Entrevistadores:** Carla Siqueira e Caio Barretto Briso

**Data da entrevista:** 27/09/2008

### **Qual o seu nome completo, data e local de nascimento?**

Augusto Nunes da Silva, eu nasci em 25 de setembro de 1949 (acabo de completar 59 anos), em Taquaritinga, cidade do interior de São Paulo, que fica a 320 quilômetros da capital.

### **E qual os nomes e atividades dos seus pais?**

Meu pai é o doutor Adail Nunes da Silva - ele gostava de ser chamado de doutor, era advogado e economista, mas basicamente ele era político. Ele foi prefeito quatro vezes de Taquaritinga. Quando eu nasci, quando eu me entendi como gente, ele era prefeito, quando ele morreu, morreu prefeito. Então, eu fui filho de prefeito basicamente a vida inteira. Aliás, meu irmão, hoje eu falo dele, já foi prefeito duas vezes, a minha família tem uma militância política em Taquaritinga muito grande e muito antiga, são quase 60 anos. A primeira candidatura do meu pai foi em 1947. Ele era filho de uma cabocla paulista de Rio Claro e de um catarinense, que tem suas origens nos Açores, na Ilha da Madeira, e que se chamava Antônio Nunes da Silva. A minha avó chamava-se Honória Nunes da Silva, avós paternos. A minha mãe, Emília Menon Nunes da Silva, é filha de uma imigrante italiana, que veio, no fim do século, da região do Verne, e de um austríaco chamado Emílio Menon, que veio de Trieste, quando Trieste pertencia ao Império Austro-Húngaro e não à Itália, como pertence hoje. Eles se conheceram no Brasil e se casaram. Então, eu tenho vários ancestrais que vêm de outras distâncias, são esses galhos da árvore, têm mais alguns, mas não precisamos falar.

### **Com essa militância política tão forte na sua família, você quando jovem teve militância estudantil?**

Tive muitas, comecei em Taquaritinga mesmo, comecei, sobretudo a aprender que o poder é uma coisa instável, passageira e que algumas pessoas gostam de você

como pessoa jurídica e outros, que são os amigos reais, gostam como pessoa física. Esse negócio foi muito importante na minha vida. Aprendi muito cedo. Lembro-me de uma vez, no segundo mandato do meu pai, no último ano, me lembro que tinha uma mesa de Natal cheia de leitoa, frango, carneiro, tudo que você pode imaginar, tudo presente de eleitor, e o meu pai disse a mim e a meus irmãos - eu tenho dois irmãos mais velhos e duas irmãs mais novas - "Aproveitem, que o ano que vem, se perder a eleição, não aparece nada disso". No ano seguinte - parecia encomendada essa história - não deram nada, rigorosamente nada. Quer dizer, acabou o mandato, acabou a brincadeira. Aí eu percebi como era esse negócio do poder. O primeiro comício de um adversário que eu fui assistir, que eu estava curioso, eu vi os nossos, achava bonito, gritavam o nome do meu pai, quando eu fui ver o do outro, a primeira coisa que eu ouvi foi o seguinte: "O Adail é ladrão!" Fiquei espantado, eu tinha uns oito anos e eu estava com um amigo do meu pai, um amigo do meu irmão. Eles falaram assim: "Roubou os trilhos da ferrovia" (A ferrovia tinha mudado o traçado e eles disseram nesse comício que o meu pai tinha se apossado dos trilhos para construir a casa que a gente estava morando). Eu não conseguia associar: "como é que ele vai botar trilho em casa?" Eu tinha dificuldade grande para perguntar ao meu pai. Mas fez um efeito razoável ouvir a primeira referência ao teu pai como um ladrão. Ele era de uma honestidade notável. Toda vez que falam que política é tudo igual, eu penso: "Não. Eu sou filho de um homem que mostrou que pode ser honesto". Quando ele morreu, não deixou rigorosamente nada, a divisão do espólio dele foi o retrato da vida dele. Meu irmão pegou uma camisa, outro pegou um relógio. Eu lembro que eu estava vindo pra São Paulo, de repente, sumiram os meus sapatos. Aí, imediatamente eu liguei para um amigo meu que era quase meu irmão. Deus sabia que ele gostava daquele sapato: "Olha aqui, ladrão, devolve os meus sapatos, que eram do meu pai". Então, o espólio dele foi o mais fácil dividir. No banco, ele tinha o que seria menos cento e vinte reais, ou coisa assim. Então, é possível ser honesto.

E eu aprendi muito com ele, eu gostava de política. Eu não sou político batizado: disso eu nunca gostei, nunca simpatizei, porque dá muito trabalho lidar com eleitor. Eleitor pede demais... Como é bom lembrar do meu pai... Ele falava: "Vem chuva! O eleitor, sempre com perdigoto, vai à tua cara". Eu gosto de lidar com o povo, mas eu não gosto de ficar devendo, pedem muito dinheiro. Mas eu comecei, já na escola, a achar que eu tinha idéias políticas, que, evidentemente, eram de uma ingenuidade brutal. Três dias antes do golpe de 1964, eu tinha formado com dois ou três amigos a Frente Nacionalista Taquaritinense. Isso nunca existiu de fato, mas você vê que visão a gente tinha. Eu tinha um diário guardado, que comecei a fazer no golpe, eu tinha 14 anos, já era cheio de opinião. Ficava

escrevendo em silêncio; eu estava bravo, tinha perdido... Eu continuei, fui presidente do Centro Acadêmico (todos os meus irmãos foram) e fui presidente do grêmio, que se chamava Lema (Liga Estudantil da Machado de Assis). Fui para o Rio, aos 18 anos, saí de uma cidade de 15 mil habitantes, cai no olho do furacão. Sem fazer cursinho, fui aprovado e eu entrei, no início do ano, na Faculdade Nacional de Direito. O CACO-Livre agia lá. As aulas começaram dia quatro de março, o estudante Edson Luís de Lima Souto foi assassinado no dia 28 de março, se não me engano. Eu tinha ido para o Rio para estudar no Instituto Rio Branco, eu queria ser diplomata, mas queria escrever, então eu fui estudar Direito por isso. Mas me lembro que o meu pai falou "Mas você não foi fazer o Rio Branco?" "Não, pai. Eu estou fazendo a Rio Branco" - que era a avenida onde todo dia tinha passeata, em 1968. Eu sempre digo que eu sou um homem da geração de 68. Eu me lembro claramente, eu tinha 18 anos quando aconteceu. Essa experiência foi muito boa para quem sobreviveu sem ferimentos profundos. Eu acho que eu sou um deles, tive essa sorte. Isso me ajudou a me tornar um democrata, a aceitar o convívio dos contrários e ter um entendimento muito claro da situação política social brasileira.

**Você estava ligado a algum grupo político?**

Estava. Ali era o seguinte: o primeiro que te abordava, te recrutava. Era como naquele filme *Zelig* [Woody Allen, 1983]. O sujeito chegava, era do PC do B, você ficava parecido com ele, você virava PC do B. Quando eu estudava, eu fui abordado, no primeiro ano, por uma turma muito simpática, que era chamada Dissidência Guanabara, uma dissidência do Partido Comunista que seria o embrião da ALN [Ação Libertadora Nacional]. Era o Vladimir Palmeira, a Maria Augusta Carneiro Ribeiro - a Guta, o Fernando Gabeira, essa turma toda. Então eu virei militante dessa dissidência, mas poderia ter sido flamenguista, torcedor do Flu, vascaíno... Era realmente uma escolha desse tipo. Tal como lembrou o Vladimir há pouco tempo, nós não tínhamos lido nada, não sabíamos nada de marxismo. Meu grupo tinha umas quatro ou cinco pessoas que se reuniam aos domingos. Mas eu queria tomar sol, porque eu precisava voltar pra Taquaritinga com cara de carioca bronzeado. Era feio voltar com aquele branco comunista. Mas eu tinha que ir aos domingos nessa reunião e recebia tarefas como ler aqueles panfletos do Mao Tse Tung... *O Capital* ninguém leu nem dez páginas, mas eu tinha que ler aqueles panfletos: "O que fazer?", "A Doença Infantil no esquerdismo", essas coisas todas. Mas ninguém lia, então, parecia aula de piano: se não tivesse feito o exercício, enganava a professora. Aí, quando eu ia para Taquaritinga, eu ia para aquela praia do Flamengo - que já era ruim - e ficava tomando sol até ficar vermelho. Eu era o

único cara da cidade que tinha ido ao Rio, eu não podia chegar com aquele “branco comunista” que nos identificava. Isso – sobretudo 1968 - nos aproximou muito como seres humanos. 1968 era o ano do sonho, mas o pesadelo vem em seguida. A cara de 68 é retratada naquela clássica foto do Evandro Teixeira, que mostra um olhar comum, um olhar de gente que tem esperança. O réveillon de 1967 pra 1968 foi o melhor de todos os tempos, mas o de 68 pra 69 foi o pior: não houve. Nós não tínhamos consciência do que aconteceria até ouvir, pela voz do inesquecível Alberto Curi, o texto do Ato Institucional nº 5. Você pode perguntar para qualquer cara da minha geração duas coisas: “onde você estava quando o Kennedy foi assassinado?” e “onde você estava quando saiu o Ato Institucional nº 5?”. Todos sabemos. Eu estava num apartamento na rua das Laranjeiras, onde eu morava com o meu irmão mais velho. Ali eu tinha noção do que viria, mas eu não sabia que a coisa ficaria tão escura. Aí você começava a ouvir: “fulano dançou...”, “fulano caiu”, uns eufemismos típicos dessa turma que sonhava. A transição era muito brusca. Seria muito brusco dizer “fulano morreu”, “fulano está sendo torturado”. Esse tipo de palavra - “fulano dançou” - foi usado para abrandar, para clarear um pouco aquela escuridão, porque a coisa ficou realmente escuríssima. Inclusive surgiu uma opção muito dramática para a minha geração: “Luta armada ou não!” E quem não topava a luta armada, como era o meu caso, era tratado como covarde. Eu não topava por motivos políticos: para mim era evidente que não se podia enfrentar o Exército. Eu sempre tive coragem, física, moral, sentimento de honra... No interior, isso é até mais acentuado. Eu cheguei a participar de uma ação armada, que até hoje eu encaro com perplexidade e humor, porque foi tão ridículo que eu não consigo me ver naquele negócio lá. Foi o seguinte: fomos ocupar a faculdade de Química, que ficava no centro do Rio, lá perto do Castelo. Era um grupo armado que tinha que garantir a falação (linguagem da época) de um companheiro do PC do B. A minha missão era imobilizar o pobre do porteiro. Se eu chegasse: “Seu porteiro, o senhor dá licença, nós vamos fazer um discurso” “Pois não...” Não. Eu cheguei com um revólver, que era do meu pai (ele nunca soube que eu tinha pego emprestado). Peguei, aponteí pro cara, ele não entendeu nada. “Vamos lá, vamos falar”. Eu me sentindo ridículo, enquanto eu falava já sentia que aquilo era um absurdo. Aí o cara ficou tonto, tinha uns quatro ou cinco com revólver. Se a polícia chegasse algum poderia morrer. Isso foi no começo de 1969. Terminada a tal ação eu falei: “não faço mais isso, é ridículo”. E como diz o Vladimir hoje: “ainda bem que não nos entregaram o poder, senão a gente teria que devolver na semana seguinte, pedindo desculpas, porque a gente não saberia o que fazer”. Ninguém tinha programa, nós éramos muito jovens.

**Nesse contexto, como é que você chegou ao jornalismo?**

Eu sempre gostei de escrever, desde garoto. Fazia um diário; eu tive uma nota alta no exame de admissão por causa da redação... Eu não era bom aluno em outras coisas, em ciências exatas eu sempre fui um desastre. Eu escrevia bem e gostava de ler desde garoto. Isso não tem nenhuma explicação, porque meus irmãos, uns tem mais, outros menos apreço por leitura. Eu sempre gostei, eu lia jornal - me espanto quando conto isso - com nove anos. Chegava o *Estadão*, eu dividia com uma tia-avó, que tinha 90 anos. Ela tinha preferência, pela idade e por ser assinante. Na época, o jornal não era dividido em cadernos, então, ela ia lendo a página e me passava. Eu lia a primeira página e a última, depois a terceira e a antepenúltima. Para não chatear a minha tia-avó, eu não perguntava coisas... Por exemplo, eu me lembro que a minha primeira perplexidade foi ler a notícia que dizia assim: "Ike desiste..." E embaixo: "o presidente Ike Eisenhower..." Eu não sabia inglês e queria saber quem era aquele tal Ike. Só lá embaixo do texto da chamada o cara explicava: "Dwight Eisenhower, conhecido como Ike..." Por isso eu tenho a mania: todo o jornal que eu dirijo, a primeira menção ao presidente da República numa matéria é, por exemplo, "Fernando Henrique Cardoso" depois "FHC"; "presidente Luís Inácio da Silva", depois "Lula". Ele não é Luís Inácio "Lula" da Silva. É Luís Inácio da Silva, depois Lula, que nem o Ike. Mas enfim, pegou, que seja. Jornais nunca pensam ou lembram que alguém está começando a ler naquele dia. Até eu perguntar para minha tia-avó quem era aquele Ike, eu fiquei perplexo algum tempo. Mas aos nove anos eu já escrevia, escrevia sonetos (horrorosos, claro, textos primários, mas eu gostava). Havia um jornal - ainda existe e hoje é da minha família - era semanário, se chamava *Nosso jornal*. Eu tinha 13, 14 anos; o meu irmão era colunista e ele ia escrever toda quinta-feira. No primeiro dia que eu fui com ele, fiquei seduzido pela paisagem e pelos cheiros de tinta de impressão. (Tenho uma certa idade, já peguei várias transformações técnicas...) O jornal era impresso a frio e a composição era manual. Eu ficava impressionado com a velocidade do sujeito pegando letra por letra para escrever um nome. Eu fiquei descobrindo quais letras são mais ou menos usadas. O A acabava logo, mas o F sempre sobra. Aí já fui descobrindo esses encantos da língua e das letras. O jornal não tinha funcionários, só havia colaboradores. Aí me pagaram, eu comecei a redigir notas de nascimento, falecimento, depois coluna social... Era sempre a mesma coisa: todo bebê que nascia era um "robusto bebê". Eu dizia: "no que depender de mim, essa é a geração mais saudável da história". Ninguém que morreu foi acompanhando por pouca gente. Era sempre assim: "o féretro contou com enorme acompanhamento". Todo mundo foi devidamente enterrado. Essas coisas davam muito prazer, porque eu fui me achando o máximo: "escrevo no

jornal". Até cheguei a publicar poesias, minha primeira poesia era uma poesia religiosa. O padre da cidade, que era um maluco total, elogiou a poesia. Ele dizia assim na aula de religião: "Vocês acham que vocês vieram do macaco, seu avô era macaco?" Era contra Darwin. Esse padre era tão maluco que uma vez, quando o Sputnik foi pra o espaço, um ano antes tinha surgido a história de que um disco voador tinha pousado numa fazenda ali perto. Eu tinha oito, nove anos, e ficava andando de bicicleta pela cidade com meus amigos. Nós fomos ver e havia um buraco, um sinal circular, uma cratera pequena. Aí decidimos que era disco voador e ficou isso aí correndo pela cidade. Quando a cadela Laika foi para o espaço, algum cara bem humorado, sabendo que ali só tinha caipira, teve o capricho que pegar um aviõzinho – nós não vimos o avião - pegou uma cachorra, botou um pára-quedas nela e soltou. A cachorra veio descendo... Os caras devem ter montado um esquema, porque ela caiu a cinco quilômetros da cidade. Nós fomos correndo, mas passou um jipe que recolheu a cachorra. A cidade até hoje não acredita que a Laika morreu. Acham que desceu lá: "alguém pegou!" Tinha essa história, quando ocorreu que Nossa Senhora tinha aparecido num terreno baldio lá pertinho. Agora vou voltar ao padre maluco de novo. Era um quintal bem pobre e um bando de gente estava lá, olhando uma lata de alumínio, dessas que o sol bate e ela brilha. E o cara estava vendo Nossa Senhora mesmo, até descrevendo a cor do manto – azul, evidentemente -e esse padre entrou correndo e deu um bico de esquerda na lata: "Vão trabalhar, vagabundos!" E eu: "o cara chutou a santa!" Muito antes do bispo evangélico [risos]. Era assim a cidade.

Aí, eu fiquei nesse jornal escrevendo e virei redator-chefe. Até hoje não sei de quem. E quando eu fui pro Rio a primeira coisa que eu fiz foi me aproximar do pessoal que fazia o jornal lá do CACO-Livre e eu ajudei. Saíram uns dois ou três números do jornal, não me lembro no nome mais. E eu nunca me desliguei do *Nosso Jornal*. Eu continuava, já em 68, na faculdade, escrevendo artigos contra o governo, mandava do Rio para Taquaritinga. E sempre conciliei as atividades jornalísticas, de escrever, com as outras atividades. Eu gostava muito de esporte, praticava tudo que era esporte, aliás, eu jogava e escrevia sobre o jogo. O meu desempenho sempre foi bom [risos].

### **Quando você entra pra um grande jornal?**

Em 1969, eu era o terceiro vice-presidente do CACO-Livre e, com a prisão dos que estavam acima de mim, eu assumi a presidência. O movimento estudantil já estava desmobilizado, aí, o diretor da faculdade chamou os remanescentes do CACO e falou "se vocês quiserem guia de transferência para outra faculdade, eu dou, mas se vocês ficarem, eu expulso" Então não me deixou saída, tive que deixar o Rio.

Morei lá dois anos nessa época. Eu pedi transferência para a faculdade de Direito do Largo de São Francisco, em São Paulo, que tinha currículo gênio, mas não me aceitaram. Só me aceitou o Mackenzie, que era o antro da extrema direita. Então, eu me lembro que no primeiro dia de aula no Mackenzie, passou um sujeito e jogaram ovos nele. Isso em 1970. E eu: "O que houve?" "Esse cara é comunista". Fiquei quieto, fui jogar basquete, vôlei pelo Mackenzie, que tem bons times, e, no mesmo ano, fiz vestibular para a Escola de Comunicações e Artes da USP. Entrei e virei presidente do Centro Acadêmico, mas querendo trabalhar. Em 1971, meu pai me deu um ultimato: "se você quer ser comunista, vai, mas você não tem mais mesada." Cortou a minha mesada. Eu estava gostando daquela vida, daquela militância, das passeatas, atividades esquerdistas. Eu fui procurar um deputado federal que era amigo do meu pai e pedi que ele me desse uma carta para alguém, porque eu queria trabalhar em jornal. Ele deu uma carta - um bilhete - para o Edmundo Monteiro, que era deputado federal e presidente dos Diários Associados. O bilhete: "Esse rapaz, muito inteligente, dá uma chance pra ele." A minha sorte foi o desconhecimento do Edmundo Monteiro, que não sabia que o revisor também já precisava do diploma. Naquela época as faculdades eram poucas, a bola estava dividida, tanto que eles acabaram transformando em jornalistas os que não eram e estavam trabalhando. E eu entrei nessa turma aí, senão eu não seria jornalista. Você vê que absurdo que é o diploma. E o Edmundo perguntou: "Mas você tem diploma?" "Não." "E você sabe português?" "Eu sei." "Você quer ser revisor?" "Quero." Aí mandou eu falar com o chefe da revisão que era um professor, um senhor já velho, senhor Monteiro. Todo mundo era Monteiro lá, tinha uma multidão de Monteiros. O Edmundo Monteiro me mandou para o senhor Monteiro - não me lembro o pré-nome -, que falou assim: "Você tem diploma?" "Tenho não, senhor." "Bom, mas se o homem mandou...". Aí eu entrei e começou a circular pela redação que eu era parente do Edmundo Monteiro. Foi um boato que eu estimei com muito entusiasmo: "Não é bem assim... não é tão próximo...". Mas eu deixei rolar, porque foi isso que me garantiu por um ano num lugar que só tinha escrivão de polícia, professor de português aposentado e todos frustradíssimos com o fato de não trabalharem na redação. Então, eles pegavam os três únicos que eram jovens e escalavam para o plantão no Carnaval, Natal, Ano Novo... Aí já era demais. Então, depois de um ano, eu telefonei e avisei para o chefe (era um outro, o senhor Monteiro tinha saído): "Vou embora, porque minha mãe não quer mais que eu trabalhe". Falei isso de sacanagem, tudo mentira. Eu demorei cinco minutos, e quando cheguei lá, ele já estava com tudo pronto, carta de demissão datilografada... Ele fez tudo com tal velocidade que agora, quando eu fui reunir papéis para aposentadoria, vi que o que me falta é só a baixa na carteira de

trabalho dos Diários. Eles estavam tão entusiasmados com a minha saída que nem assinaram, então esse papel ainda me falta. Veja só o ambiente em que eu comecei. Eu achei que se jornalismo seria aquilo, não valia a pena. O cara ficava bravo com correção e tinha colunista que escrevia hora sem h, era desse nível e eles ficavam bravos, se sentiam humilhados. E mais: os revisores também liam balanço. É pior que exercício em esteira. Você fica do lado do outro revisor e lê número por número: balanço do Bradesco, dois ponto três, sete, quatro. Isso é trabalho de revisor. Eu queria morrer. Aí, saí. Falei: "vou procurar outra coisa". Aí meus pais ficaram comovidos com a história, voltou um pedaço da mesada, até que um amigo que era jornalista e trabalhava no *Estadão*, leu um artigo que eu escrevi nesse jornal de Taquaritinga sobre um amigo comum que tinha morrido e levou pro chefe de reportagem do *Estadão*, o Eduardo Martins, que depois fez o Manual de Redação e Estilo do *Estadão*, já trabalhava lá e foi um dos que me pediram para fazer um teste. Aí, eu fiz. O Félix de Athayde, que era o chefe de reportagem, leu e disse: "você leva jeito", aí me contratou para editoria de Cidade. A primeira matéria que eu fiz foi a posse de um general. Eu, compreensivelmente, estava um pouco traumatizado em lidar com generais e também não sabia nada de jornalismo. Eu me lembro que eu apresentei a matéria e eles riram muito: no meu primeiro texto, eu mencionei todos os militares presentes na reunião - de cabo a general, parecia uma lista telefônica. Esse Félix de Athayde riu e disse: "você escreve bem, mas agora você precisa aprender jornalismo". Nos dois anos que eu tinha feito da ECA, não rodou um número do jornal laboratório, porque eles não tinham dinheiro para pagar o gráfico. É por isso que eu digo que Faculdade de Jornalismo, primeiro precisa melhorar e quando ela ficar boa, você vai precisar fazer a faculdade de jornalismo. Enquanto você não precisar da faculdade pra ser jornalista, exigir diploma é só uma arbitrariedade. O cara faz faculdade de medicina, porque é necessário, se ele não fizer, vai sair por aí matando gente. Como as nossas faculdades são muito ruins e como, felizmente, a gente não lida com paciente, a gente sai assassinando o português. Só. Tudo que eu aprendi foi na prática, aprendi português com as minhas professoras do primário, porque as do secundário já não eram lá essas coisas, e aprendi jornalismo na prática - não nos Diários, mas no *Estadão*, fazendo coisas do tipo: na redação aparecem vinte avisos de que há um incêndio em algum lugar. Quando, vêem fumaça, todo mundo liga, telefona para o jornal. Normalmente você pede para a polícia conferir. Mas quando é muito perto, eles fazem o que fizeram comigo nesse dia: "Tem um incêndio na avenida São João." O chefe de reportagem disse: "Alguém aí tem matéria que é pra amanhã?" "Eu tenho" Então vê lá. Era o edifício Andraus. Quando eu cheguei na esquina da São Luís com a Ipiranga e vi aquilo, parecia uma panela. O fogo lambe



e vai até o alto. O pessoal lá no teto corria de um lado para o outro, porque o fogo mudava de acordo com a direção do vento. As pessoas começavam a se jogar! Eu cheguei e vi aquela cena... As pessoas se jogando... Entrei correndo numa agência bancária e liguei para a redação dando o seguinte recado: "manda todo mundo". Mandaram. Nós cobrimos aquele dia com 29 jornalistas, foi a maior cobertura. Quem coordenou foi o Clóvis Rossi, que estava "encostado" na editoria de Esporte, mas os caras sabiam que ele era craque e que era o único capaz de coordenar com aquela velocidade uma cobertura tão extensa. Foi muito boa a cobertura. Foi o primeiro grande incêndio da história do Brasil, depois veio o do edifício Joelma, mas aí eu já estava na *Veja*. Mas aí, eu tive essa experiência e o Oliveiros Ferreira, que era o secretário da redação, resolveu que eu poderia ser repórter de América Latina. Me chamou e me deu aulas em que ele provava por A mais B que o Brasil teria uma guerra contra a Argentina, depois tratamos de outros assuntos e aí veio o primeiro aniversário do governo Hugo Banzer, que depois seria presidente outra vez, na Bolívia. Ele tinha dado mais um golpe na Bolívia. Como diz o Elio Gaspari, a Bolívia inventou outro sistema de troca de presidente, é golpe. Entra um representante dos traficantes, um de direita, outro de esquerda... E vão substituindo, não se gasta nem dinheiro em eleição, urna eletrônica... Fui ver isso aí, depois fui cobrir a greve que precedeu o golpe do Chile. A América Latina era isso aí. Para mim foi a felicidade, porque eu conheci o continente inteiro. Eu estava na Argentina e, de repente: "Olha, golpe na Venezuela". Eu saía para voltar em uma semana, mas só voltava depois de um mês. Ficava circulando. Foi uma experiência muito rica e voltei a fazer Cidades até que a *Veja* estava precisando de editor de cidade, eles leram as matérias que eu publicava na última página e me convidaram.

**Antes de a gente chegar na *Veja*, você está no *Estadão* no início dos anos 1970. O *Estadão* já estava sob censura prévia. Qual é o clima e a situação do jornal?**

É o pior possível. Num primeiro momento, você acha que é herói da resistência e aí você decide que vai escrever e eles vão cortar. O problema da censura é que ela te emascula, ela acaba fazendo o afogamento na origem. Você cansa de escrever sabendo que vão cortar... Você escreve uma vez, escreve outra, quando vem a terceira matéria com aquele lápis vermelho, é difícil você escrever, porque vira uma coisa teimosa... Não é que você pratique a autocensura, você se rende, não há o que fazer. E aí você começa a publicar receita, essas coisas... No caso do *Estadão*, havia a resistência liderada pela família Mesquita. Essas gerações antigas dos Mesquitas - o doutor Júlio, Júlio Neto, o Julinho, Júlio César, uma figura muito altiva

-, esse pessoal era bom de briga. Eles botavam lá Camões, *Os Lusíadas*, receita de bolo no *Jornal da Tarde*... Eu gostava daquilo. Eu não sofri a censura diretamente, porque eu trabalhava na editoria de Cidades. E eles vigiavam menos as matérias que vinham do exterior, até porque eram golpes de direita que se noticiava, a esquerda estava em baixa naquela época. A censura me pegou mais na *Veja*, porque eu peguei a área de educação e fazia matérias ligadas a estudante. Estudante não podia sair. Foi quando eu comecei a ter essas matérias riscadas. Eu não tenho nenhuma saudade da censura e não recomendo a ninguém; acho que a censura não ensina nada a ninguém, nenhuma geração precisa sofrer censura para melhorar. Viver 1968 me enriqueceu. A censura só empobrece. Por isso é que eu sou agudamente contrário a qualquer sinal de censura. Quando apareceu essa história do ministro Nelson Jobim dizendo "quebraram o sigilo da fonte", isso aí eu tenho uma aversão visceral, porque eu sei que é assim que começa. Comigo a coisa é muito simples, não precisa gastar palavra não. É como disse um juiz de uma corte americana: "A imprensa não precisa ser boa, precisa ser livre. Da qualidade dela tratam os leitores ou telespectadores". Eu falo imprensa, porque eu não uso muito mídia, mas quando eu falar de imprensa, eu estou falando de mídia. Mas depois vem depois o castigo: se errou, pune. Eu falo à vontade, porque eu não me envolvi nessa e era diretor de redação. Para mim, quem cobriu daquele jeito a história da Escola Base devia ser preso. Jornalista preso nós não temos nenhum, nem quem é assassino como o Pimenta Neves. Então: prende. O problema do Brasil é quem tem muito criminoso impune, na imprensa inclusive.

**Antes de passar para a *Veja*, uma curiosidade: nesse tempo em que você é do *Estadão*, havia mulher na redação?**

Trabalhava lá uma menina chamada Clotilde, que era Cerqueira César, parente dos Mesquitas. Então não conta. Mesquita é homem, Cerqueira César é homem, seja qual for o sexo. Tinha também a irmã dos Mesquitas, no Caderno Feminino. Ali no Feminino trabalhavam algumas mulheres que nem se expunham, ficavam como que num convento, porque não podiam aparecer. Mas eu participei da entrada da primeira mulher na redação e fui envolvido nessa história, porque ela é minha amiga, era a Adélia Borges. O Eduardo Martins tinha assumido a chefia de reportagem. A Adélia Borges era minha companheira de faculdade. O Eduardo Martins perguntou: "Você conhece alguém que seja bom jornalista?" Eu falei: "Tem uma moça, uma amiga minha, chamada Adélia Borges, boa, trabalha nos Diários". "Então vamos trazer". Ela trabalhou no primeiro dia, terminado o expediente – que na verdade é o fechamento (jornalista não tem expediente, a gente tem é fechamento, não tem hora) – o doutor Júlio Neto, com quem depois eu convivi

muito, era um homem tímido e tradicionalista chamou e disse: "Quem é essa moça?" "É repórter". "Pode mandar embora. Mulher não". O Eduardo foi muito digno e falou: "Olha, doutor Júlio, eu contratei; ela já deixou o emprego, o senhor não pode fazer isso com ela". "Tá. Vai deixando". Como a Adélia Borges mostrou muita qualidade, diziam os mais velhos quando queriam elogiar alguém: "Parece homem, trabalha tanto que parece homem". Esse era o elogio que a Adélia queria morrer. A gente foi deliberadamente infiltrando algumas cabeças femininas como a Selma Santa Cruz, Lia Ribeiro e aí o *Estadão* perdeu a virgindade pelo avesso, com as mulheres entrando. Mas até lá não podia. E não podia porque era mulher, mulher era pra casar mesmo e ponto final. Era assim. Quando eu dirigi o *Estadão*, quando eu não estava, o doutor Júlio tinha que despachar com algum editor-executivo. Então, um dos meus prazeres era mandar Cida Damasco, editora-executiva, conversar com ele. A conversa não durava três minutos. Ele era tímido e devia pensar "repórter tudo bem, mas editora-executiva não, é demais..." [risos]. O *Estadão* era antigo nos costumes, no comportamento. E eu não acho que a ideologia não é antiga não; eu acho que é muito coerente. Eles são conservadores, desde sempre, você sabe o que vai ser escrito no editorial. Eu gosto disso. Você tem que ter direita, esquerda, isso é o convívio dos contrários. Dizer que não pode ser de direita, proibir, isso é monopólio. Eu tenho enorme tolerância, por isso sou amigo de todos. E tenho as minhas posições, os meus pontos de vista. Aquilo era antigo, porque eu peguei o *Estadão* em uma época em que aquela rotativa era uma atração turística: nêgo parava lá durante a noite e ficava vendo o jornal rodando. Eu peguei essas transformações. Eu confesso que eu também me misturava no meio da noite para ver aquilo funcionando, para saber a diferença entre composição daquele tipo e a frio, como a que eu tinha conhecido em Taquaritinga. Então foi boa a minha temporada no *Estadão*, embora eu tenha de ressaltar que a minha grande escola política foi a *Veja*.

**Então, vamos a *Veja*. Como é que foi essa passagem do *Estadão* para a *Veja*?**

Eu fui convidado, porque estava fazendo matérias de Cidades, eles precisavam de um editor de Cidades e eu fui contratado como redator, que era um faixa salarial um pouco mais que repórter. Mas eu era repórter. Eu cheguei à *Veja* e eu me senti como deve ter se sentido o sujeito que chegava como juvenil ao time do Santos nos anos 60 e via jogando o Pelé, o Coutinho, o Dorval, Gilmar - foi o melhor time de todos os tempos do Santos. Da *Veja*, foi o melhor time de jornalismo de todos os tempos, não tenho a menor dúvida, eu convivi com todos. A história de toda publicação bem sucedida é a história de um grupo talentoso, seja qual for o

instrumento tecnológico - jornal, rádio, televisão, Internet - sempre tem gente talentosa por trás. *O Pasquim* é um caso clássico de gente talentosa. Era uma turma craque fazendo aquilo. Eram crônicas, textos... Não havia uma linha. Era deboche e esculhambação da ditadura, o que eles fizeram muito bem. *O Cruzeiro* é a história de uma grande geração: tem o Millôr, David Nasser, os fotógrafos, Indalécio Wanderley, todo mundo, lá só tem escritor. A *Veja* foi isso aí. Então, a minha primeira sensação foi que jamais eu conseguiria escrever uma capa da *Veja*. Quando eu fiz o primeiro texto, eu já percebi que eles davam aquela canetada brava. A lauda da *Veja* - a gente usava papel - era dividida no espaço em que você escrevia (dois terços da página) e tinha mais um terço, uma coluna, que era para você fazer anotações. Aquilo era faca no coração, porque você entregava o texto e o cara começava a escrever e não sobrava nada do que você tinha datilografado. Era só letra do cara. Mas eu fui aprendendo. Comecei a entender como era a *Veja*, porque eu achava que a *Veja* era adjetivo e advérbio. E não era. Uns vinte dias depois de eu estar lá, o Léo Justo Ribeiro, escritor e professor de literatura, passou e parou, começou a ler meu texto e disse: "Você escreve bem, mas ainda é um pouco verde. Tira isso aqui. Você está dizendo fulano chegou atrasado, escreve aí: chegou correndo contra o relógio". Aí eu entendi que a *Veja* era a imagem, para que o texto diferisse do texto dos jornais. Repetir a notícia do jornal com o mesmo texto não fazia o menor sentido. Eu sabia que o resumo da fórmula era: "revista semanal de informação diz não o que aconteceu, mas o que está acontecendo". Mas nem sempre você pode analisar uma coisa ou dar informações a mais. O que você podia era melhorar o texto, então, foi primeiro uma aula de texto. Por isso eu achei que não conseguiria escrever uma capa. Em seguida, eu me dei conta de que os jornais são uma tragédia. Eles não dão a notícia. O que não aconteceu ontem, se eles não deram a informação na véspera, eles não iam recuperar ou melhorar. Mas quando saía uma notícia pequena no jornal e que a gente percebia que era boa, dizíamos: "Dançaram. Podemos pautar isso, porque eles não vão voltar ao assunto". E é por isso que aconteceu uma coisa que é inversão total do correto: a *Veja* dava furo toda semana em cima dos jornais, como continua dando ainda, embora não tenha a mesma qualidade. Ainda é muito boa, mas não é a mesma, porque as pessoas não são as mesmas. Então, a *Veja* fazia isso. Aí fui aprendendo, melhorando o texto e fiquei lá doze anos. A mobilidade horizontal e vertical era muito grande: eu saí da editoria de Cidades fui fazer Educação, depois fui fazer editoria Política. Eu peguei essa fase brava da censura, aí comecei a escrever capas e ver como, no jornalismo, tendo talento e sabendo escrever, você aprende. Quando saí de lá, eu tinha escrito 124 capas. Ninguém escreveu tantas capas como eu na *Veja*, e eu falo isso sem grande orgulho, porque eu acho isso um completo

absurdo. Como dizem os americanos, só no Brasil você tem colunista diário. O cara ter um assunto por dia não existe. Cento e vinte e quatro capas podem se reduzir a umas setenta, porque quatro foram sobre planejamento familiar, porque o Roberto Civita tinha essa mania. Em julho, por algum motivo, nós precisávamos fazer uma capa sobre planejamento familiar. A primeira eu fiz. A segunda, não tinha acontecido nada desde o ano anterior até aquela data. Aí eu não tive dúvidas: o que era *box* eu pus na abertura, o que era abertura eu joguei no *box*, aquele negócio do Frankstein. Na terceira foi mais complicado, na quarta eu pedi pra parar. Eu me lembro que eu dava um caso, no Rio Grande do Norte, de um planejamento familiar que não deu certo. Virei especialista, falava de cabeça quantas pessoas tinham sido esterilizadas, mas eu não conhecia nada daquilo. É diferente de escrever sobre a morte do delegado Fleury, o júri do Doca Street... Fiz várias capas com muito prazer. Mas você tinha que ter mais pessoas escrevendo. Eles gostavam do que eu fazia. Eu trabalhei muito, mas também aprendi pra burro. Eu digo que foi o melhor time, porque você nunca mais vai juntar numa redação caras como José Roberto Guzzo, Elio Gaspari (que eu acho que é o Pelé do jornalismo, o melhor jornalista que eu já vi; um dos melhores do mundo seguramente) Dorrit Harazim... Era a turma que trabalhava lá: já eram escritores e estavam prontos. Eles não ficaram bons depois, eles já eram o que são. Na Internacional eram: Dorrit Harazim, Ricardo Setti, Roberto Pompeu de Toledo, Paulo Sotero e Fernando Pacheco Jordão. Na Política tinha Merval Pereira, Getúlio Bittencourt, Almir Gajardoni, Marcos Sá Corrêa, Elio Gaspari. Era um grupo de futuros diretores de redação que escreviam. Na Geral, Nirlando Beirão, Fernando Moraes, Humberto Werneck, tudo que você podia ter de melhor você tinha lá. Era bonito ver a Veja fazendo uma edição especial, que a gente dividia assim, vou te dar um exemplo... Na morte do Juscelino Kubistcheck, a gente dividiu por etapas: "fulano escreve da chegada dele a São Paulo até a última noite; da última noite até a partida, começamos a dividir". Era prático. Eu fui encarregado de escrever entre o quilômetro zero e o quilômetro cento e tantos, onde ele morreu. Era edição extra. Então eu passava o bastão, como numa corrida de revezamento, para quem fosse escrever sobre o corpo encontrado, os documentos, etc. Nós chegamos a tal ponto que - nós ganhamos o Prêmio Esso com isso - na cobertura das Olimpíadas de Los Angeles, o Orlando Brito foi fazer as fotos e eu e a Dorrit Harazim fomos fazer os esportes. Dorrit Harazim é uma coisa inacreditável, ela sabe tudo, ela gosta de tênis, joga tênis, mas sabe tudo. Então ela falou assim: "Esse Joaquim Cruz vai ganhar a medalha". Eu não sabia quem era Joaquim Cruz, que ganhou a medalha de ouro. Ela diria, alguns anos depois, "esse Gustavo Borges vai ganhar a medalha". Ela sabe. Então, lá em Los Angeles, ela falou: "Olha, aquele é o pai do

Sebastian Coe” (que era o adversário inglês, principal concorrente do Joaquim Cruz) Imagina se eu vou conhecer! Ela conhecia, porque ela estudava. Aí nos dividimos. Eu pegava os esportes que eu gostava mais - basquete, vôlei – e ela pegava o atletismo. Nós escrevíamos no telex - só o Paulo Francis escrevia direto no telex - e nós escrevíamos direto no telex. Era aquela coisa pré-histórica, aí eu, batendo: “Como é que está?” Ela: “linha trinta”. Nós estávamos correndo contra o relógio mesmo, Los Angeles era uma hora mais tarde do que aqui. A gente tinha que sair correndo da quadra para escrever. Aí acontecem coisas assim, quer dizer cada um na sua área. Eu fui o primeiro cara a escrever sobre o Michael Jordan. Eu jogava basquete, então, quando eu vi o cara atravessar a quadra pela primeira vez, eu vi um cavalo de raça singularíssimo, um Pelé do basquete. Quando o cara joga basquete, sabe que a batida da bola coincide com o movimento da perna. O Mike Jordan, a perna se movimenta independentemente da bola. Ele é como o pessoal da bossa nova fez: a batida do violão não precisa necessariamente acompanhar o compasso da voz. Eu falei: “Esse cara aí não é normal”. Eu nunca tinha ouvido falar. Aí o cara dá o primeiro arremesso: do lance-livre, o cara saltava para a cesta. Ele voava, literalmente. No bate-bola, em vez de arremessar da linha do lance-livre, ele pulou e enterrou. Depois proibiram isso, porque ele é que inventou e chamava de “Air Jordan”. Eu estou contando essa história para dizer a incompetência de quem tinha visto esse cara e não tinha descoberto. Qualquer um que visse, perceberia. Então, a Dorrit identificava o pessoal dela, eu identificava os meus e a gente escrevia ao mesmo tempo, editava de lá, no quarto do hotel e mandava tudo pronto de lá. Isso você só conseguia na *Veja*. Aliás, esse negócio foi ruim para mim, porque depois eu virei editor de Política em 78; em 82, virei redator-chefe, aí, quando eu saí em 86, eu achava que jornalismo era assim. Aí eu caí na real. Quando eu conheci o que era uma redação, de verdade, eu descobri que tinha jogado no Santos e aí eu tinha que começar a lidar um pouco com o Jabaquara, com o Madureira, não era bem assim. Mas isso também seria outro tipo de aprendizado muito útil.

**Você ficou na *Veja* de 1973 até 1986, período importantíssimo na história do país, justamente o período de redemocratização. Fatos muito importantes aconteceram, como o assassinato do Vladimir Herzog, o atentado do Riocentro, as Diretas Já... Como foram essas coberturas na *Veja* e o que você lembra desses momentos?**

Fui editor de política de 1978 a 1982, então eu comecei a viver as coisas muito de perto. Depois fui redator-chefe, peguei a coisa até a fase da vitória do Tancredo Neves. Quando eu ainda não participava mais ativamente da direção da revista, eu

acompanhava o trabalho do Elio Gaspari, que entendeu que, naquela época, a informação no país estava tão centralizada que você precisava de cinco fontes. E ele tinha todas. Eram: o general Golbery do Couto e Silva, Antônio Carlos Magalhães, Heitor Ferreira, general Geisel e mais alguém que ele conhecia, ele conhecia todos. Se precisasse, o Gaspari conversaria com o mundo. Ele fez a melhor matéria sobre a morte dos Mamonas Assassinas, muitos anos depois. Ele conversaria com quem ele quisesse. Mas ele percebeu que ali estava a informação, então a gente tinha a informação privilegiada. A *Veja* deu a capa de uma edição extra dizendo que o Geisel ia ser presidente, porque o Elio pegou a informação primeiro. Ele usava uma técnica - que eu aprendi - perfeita para um bom jornalismo. Ele dizia assim: "eu adoro um ex. Na frente da casa do ex nasce capim, ninguém vai visitar...Eu vou". Quando o Golbery perdeu poder com a ascensão da turma do Médici, o Elio visitava o Golbery, quando o Golbery voltou ao poder com o Geisel, ele dava a informação para o Elio Gaspari. Então, não tem essa de relação privilegiada com o Golbery. Não. É coisa de jornalista esperto, inteligente. Foi isso que o Elio fez. A gente tinha a informação, mas nem por isso escapava do horror, porque você tinha a luta interna muito dura entre os militares. Então, me lembro que na morte do Vladimir Herzog, a sensação de medo nunca tinha sido tão intensa. O horror tinha chegado à nossa sala. O Herzog era um jornalista que poderia estar aqui conversando, era um cara que tinha uma vida normal. Ele não imaginava que ia passar mais de uma noite na cadeia, porque ele não tinha feito nada de tão grave. Uma das coisas dramáticas é que ele não queria levar a pasta de dente, a mulher teve que insistir... Acho que ele morreu de medo, de susto. Claro que foi tortura, o coração também acho que não agüentou, ele estava no limite, de medo, um medo justificadíssimo. Aí, eu me lembro que o Mino Carta, junto com o Elio, ligou para o Golbery e disse: "Vieram aqui atrás do Luís Weiss - que era um jornalista da *Veja*, amigo do Vlado - o que o senhor nos aconselha?" Ele falou assim: "Protejam-se! Nós não temos o que fazer, nós perdemos o controle sob São Paulo". São Paulo tinha um "governador" militar, o Ednardo D'Ávila. O Geisel veio e preparou o contra-golpe que ele ia dar com muita habilidade, mas naquele momento ele não tinha força para tirar o Ednardo. Ele avisou que aquilo não podia se repetir. Quando ocorreu o caso do Manoel Fiel Filho, o Geisel deu o troco. Nem por isso as coisas passaram ao controle de quem queria a abertura. A situação só se decidiu em 77, quando o general Sílvio Frota foi afastado. Está tudo no livro do Elio Gaspari, que sabia dos bastidores. Então tem uma história muito interessante: o Geisel contou para o Elio que ele resolveu demitir. Ele marcou a demissão para um feriado - era feriado em Brasília -, porque ele não queria nenhuma repartição militar aberta. Pouco antes, ele botou um sobrinho dele para

chefiar a guarnição de Brasília, a mais importante. Ele colocou em Campinas, o general Gustavo, que era aquele touro que aparece numa foto em que o Geisel tem um pequeno mal estar e desmaia. É o sujeito careca, que o segura atrás. Ele comandava os blindados de Campinas. Então, ele fez a coisa perfeita: na véspera, em troca do silêncio, ele convidou o pior dos inimigos dele, que era o comandante do Sul, para ser ministro do Exército. Assim, já neutralizou o possível aliado do Frota. Ele [Geisel] disse assim: "marquei para sete da manhã, porque eu ia dormir bem por saber tudo o que aconteceria, ele não conseguiria dormir, porque ia ficar pensando no que ele ouviria. Ele viria tresnoitado e eu à vontade". Então, uma aula [de como demitir alguém], tudo planejado. Naquele momento é que se percebeu que a direita tinha começado a mover. Aqueles atentados, que hoje são vistos quase como obras de insano, faziam muito sentido. Se no atentado do Riocentro a bomba não tivesse explodido no colo do terrorista, imagina o número de mortes ali! Estávamos lidando com gente que ia fazer ataque aéreo ao Palácio, que ia prender todo mundo... A morte do Vladimir Herzog teve, pra nós, um significado muito importante, porque ninguém imaginava que aquilo poderia acontecer. E aí nós ficamos sabendo de detalhes... Quando levaram o Rodolfo Konder e Paulo Markun, que estavam presos, para assistir ao enterro, isso não era uma demonstração de generosidade do Exército. Era: "queremos que vocês vejam pra ver o que acontece quando esses merdas reagem; pra ver o que vai acontecer com vocês". Então, o Markun e o Konder contam que o dia de horror deles foi no enterro do Vlado. Eu participava das atividades sindicais, aquelas reuniões no sindicato dos jornalistas eram extremamente tensas. O Audálio Dantas e o Fernando Pacheco Jordão conduziram aquilo com muita habilidade, porque nós não sabíamos o que eles estavam enfrentando. Era uma época em que Dom Paulo Evaristo Arns visitava presos políticos e enquanto passava pelos corredores, eram os carcereiros que gritavam: "Viado! Padreco viado!" É uma época que não pode voltar mais. Quem viveu aquilo ali tem muito apreço pela democracia. Quando, às vezes, os caras falam "Pô, você tem posições de direita", eu acho graça, eu não consigo ser de direita, a minha formação impede. O que eu não tolero é ver o MST brincando de stalinistas. Não é o negócio de defender o direito de propriedade. O problema é você pegar uma cartilha do MST ensinando para uma criança que estuda no acampamento que o Stálin foi um cara legal. Uma das grandes séries que eu gostei de publicar - foi o Eduardo Bueno que teve a idéia, na *Zero Hora* - foi a História Universal da Infâmia. Começamos por Hitler: unanimidade. Segundo: Stálin. Aí disseram: "coisa de direita". Taí: Médici, Mao Tse Tung, tudo maluco, tudo liberticida, ninguém é democrático... Eu sempre digo e falo para todos os meus companheiros de 68: "Vocês não queriam democracia não. Vocês me enganaram,



“você queriam trocar uma ditadura por outra. Não vem com essa de defender a liberdade, o papo era outro, vocês eram contra a ditadura de direita”. Se você não trata o MST como um movimento antidemocrático, você está mentindo jornalisticamente. É o que eu falo para o [João Pedro] Stédile: “Stédile, é sacanagem você não confessar que é comunista. Fala que é comunista, ninguém está prendendo comunista”. No Brasil, os comunistas oficiais são tudo o que a direita quer: o PC do B está uma maravilha.

### **Em 1986, você sai da revista *Veja* e vai fazer o que?**

Quando eu saí da *Veja*, fui convidado pelo Roberto Civita para fazer uma revista que era alguma coisa parecida com a *Caras*, que ainda não existia. Eu estava pensando nesse projeto, quando o Marcos Sá Correa me convidou, em julho de 86, para ser diretor regional do *Jornal do Brasil* em São Paulo. O JB estava com um time muito bom. Então nós montamos uma Sucursal de primeira em São Paulo. Eu digo sempre que foi a primeira vez que eu não trabalhei em terreno baldio e na periferia. Você não entende onde ficam as redações: afastado de tudo. Se o mundo acabar, você só vai saber quando você já virar cadáver. O *Estadão* era no Centro, depois foi para a Marginal. A Abril, na Marginal. O JB era na avenida Paulista. Trabalhei com o Ricardo Kotscho, Ricardo Setti, Valdir Sanchez, com craques. Montamos uma Sucursal, o Ricardo Kotscho fala no livro dele, muito boa. Como era pequena, seguia os critérios da *Veja*, contratava os melhores mesmo. Fiquei um ano e meio no JB, aí o Marcos Sá Correa me convidou, no final de 87, para ir para o Rio assumir o cargo de editor-executivo, chefiar na prática a redação, junto com Flávio Pinheiro. Eu fui para o Rio. Já estava procurando escolas para as minhas filhas, procurando apartamento, quando o *Estadão* me convidou, em janeiro de 88, e eu assumi em março. O *Estadão* era onde eu tinha começado. Desde a *Veja*, quando alguém me perguntava, quando o Hélio Guzzo me perguntava: “o que você quer ser?” “Diretor de redação” Nunca menti. Eu era escolhido já pela *Veja* quando eu saí. Diziam: “você é o herdeiro”, mas eu brincava: “mas eu não sou príncipe japonês que fica esperando até os 80 anos. Quando o príncipe japonês vira rei, ele está caindo do trono, porque está mais velho que o pai”. Na realidade, eu estava com saudade de jornal, eu estava fazendo muito trabalho de revista, então não resisti ao convite do jornal. Mas quando veio o convite do *Estadão*, o pessoal do JB não entendeu porque eu aceitei, mas eu sabia o que era o *Estadão* e o que significaria o seu processo de modernização. Era o maior desafio que eu podia encontrar. Eu continuo achando que os diretores de redação têm que ter mais experiência para assumir o cargo. Aqui se assume muito cedo. Mas foi bom, porque se eu não tivesse trinta e oito anos, talvez eu não tivesse coragem de fazer as

maluquices que eu fiz pra enfrentar um bando de malucos, que eram os donos ligados ao doutor Rui Mesquita. (Eu fui convidado pelo lado do Júlio, visto como intruso pelos Mesquitas ligados ao Rui). Eu fui como o representante do usurpador, tanto que os filhos do Rui Mesquita se referiam ao *Estadão* como o jornal do vovô e não do tio que já dirigia. Quando do doutor Julinho - pai do Rui e do Júlio Neto - resolveu fazer a sucessão, a mãe queria o Rui no *Estadão*, mas o doutor Julinho fez valer o critério da primogenitura: entregou para o mais velho. O Rui era mais jornalista, por isso se criou o *Jornal da Tarde*, e aí conseguimos - só no Brasil -, a única empresa do mundo que tem dois jornais que concorrem entre si. Agora o *Jornal da Tarde* está tentando ser paulistano, mas sempre concorreram. Absurdo, nunca vi isso. É como a Abril lançar outra *Veja*. Pois bem... Nos Mesquitas, eu tive que brigar quatro anos com um lado da família e com o tradicionalismo de todos. As pessoas perguntam: "Como é que você agüentou quatro anos". "Pergunta como é que eles agüentaram". Porque era um combate diário que eu travava. Eu tinha a sustentação do doutor Júlio Neto (de vez em quando ele ficava mais conservador), do Julinho (Júlio César), e dos caras que eu levei, que eram diretores de redação: João Vítor Strauss, José Paulo Kupfer, Ricardo Setti, Carlos Chagas, esses caras. Eu peguei o *Estadão* completamente, em dissolução. O leitor estava envelhecido: três quartos dos leitores tinham mais tinham mais de 34 anos, isso para um país jovem é um risco. O jornal não tinha cor, não tinha cadernos - só o Segundo Caderno -; não circulava às segundas-feiras; não era informatizado. Ele foi informatizado em 1990 e voltou com a edição de segunda-feira e a cor em 92. Quinze anos, dezesseis... É muito pouco tempo. Eu cheguei lá, a gente trabalhava com lauda e eles discutiam se - e não quando - iam informatizar o jornal. Eu falei: "Olha aqui, pessoal, eu não peço dinheiro nenhum, podem aplicar em tecnologia, mas não podemos raciocinar dessa maneira". Em segundo lugar, todo mundo tinha duplo emprego, os salários estavam completamente aviltados, todo mundo era revolucionário de 1932, amigos do doutor Júlio, havia 40 caras da chamada folha morta, que não iam para trabalhar, só para receber: o pagamento era religiosamente feito quinzenalmente. Aí eu comecei a demitir. Eu demiti no todo, no *Estadão* mais de trezentos. Eu fiz um trabalho de saneamento básico ali que foi interessante. Eu queria saber por que o *Estadão* tinha acabado com a edição de segunda-feira, que existiu até 1929. Ela acabou na segunda-feira seguinte à semana da posse do doutor Julinho, que chegou e falou: "agora que eu sou dono, trabalhar aos domingos, nem pensar". Olha que loucura. O jornal cobrava o mesmo preço de assinatura da *Folha*, só que oferecia seis edições por semana, em vez de sete. Dava o resultado do jogo de domingo, mesmo que fosse da Seleção, na terça-feira. E não usava cor. A resistência contra a cor era tão grande que a gente já

estava com a campanha no ar (era uma peça boa: um sujeito em preto e branco falava sobre a importância da cor, aí as cores iam aparecendo, no paletó, etc), quando, quatro anos depois, chega o Doutor Júlio de Londres e diz: "o *The Time* não usa cor" Eu falei: "É, alguns jornais não usam, mas vão usar. A gente vê o mundo em cor, não precisa olhar em preto e branco". Ele me chamou lá [para dizer isso]. Ele despachava comigo às duas da tarde e às seis e meia. Aí ele saía pra casa ou, nos fins de semana, às sextas-feiras, para a chácara dele. E ele me ligava às nove e meia da noite pra saber como era a capa. O fechamento era às dez. Eu antecipei o fechamento para as nove. Avisei [isso] trezentas vezes, mas ele continuou ligando às nove e meia, já com a capa fechada. "O dia que ele discordar da capa eu estou perdido, porque já está fechada". Eu fingia que não estava. E ele perguntava sempre como estava o tempo em São Paulo, coisa que ele poderia saber se olhasse da janela - é aqui o sítio dele - e o comentário dele, a meu ver, significava um elogio: "Está variado". (Como se eu fosse dar uma capa monotemática. Tem que estar variado mesmo.) E aí, nessa sexta-feira, chegou de Londres e comentou comigo. Na sexta-feira, eu não estava na sala, ele chamou o Setti pra fazer o despacho e disse: "Olha, eu não quero cor, não". A campanha já estava no ar, data marcada, [ia começar a cor] daí a três dias... O Setti entrou na minha sala pálido: "Augusto, você disse que o homem não estava muito animado pra cor... Ele não quer." Eu falei: "como não quer?" "Ele mandou suspender". Eu me lembro que fui correndo no corredor - nunca fiz isso - correndo no corredor para pegá-lo no elevador. Eu cheguei: "Doutor Júlio, o senhor não quer a cor?" "O que você acha?" Aí eu tive que improvisar mentira: "é o seguinte: tem um anúncio da Brahma na capa - até essa parte era verdadeira, aí vem a mentira - e anunciante fica muito irritado quando sai preto e branco do lado da Brahma". Nunca ninguém tinha falado uma bobagem dessa. "Então está bom, mas não exagera". Eu chamei o Ricardo Chaves, que era o fotógrafo da agência: "Ricardão, me ajuda aqui: faz um negócio mais suave". Então, combinamos para fotografar o Playcenter: crianças brincando... Isso para segunda-feira... Resolvemos também dar uma foto de praia. (Mas *Estadão* era conservador). "Pega uma mulher grávida, mesmo que estiver de biquíni, está na praia, mas é grávida, mãe, certamente é uma mulher de bons costumes". Fizemos a capa e ela ficou azul: mar e o céu do Playcenter. Segunda-feira, chega o Doutor Júlio: "gostei, ficou legal esse azul aí" Contei o comentário dele para os editores executivos: "Ele falou que ficou legal o azul". Na terça-feira, azul, quarta, azul, quinta, azul... Esse comentário foi passando, chegou à fotografia da seguinte maneira: "O doutor Júlio só aceita azul" Loucos! Para escapar do azul, eu só mandei cobrir jogo de futebol, no domingo. Aí saiu verde, cor do gramado, e eles acreditaram que o *Estadão* não era

monocromático. Assim que nasceu a cor no *Estado*. Travamos a luta contra a *Folha* com essas desvantagens. Quando entrou a cor, eu já tinha feito acerto com a *Zero Hora*. (Eu sempre raciocino em termos de mandato político. Isso certamente, vem do meu pai). No *Estadão*, foram quatro anos: fiz a reforma, depois veio a informatização. Quando o jornal voltou à normalidade com essas mudanças, aí eu teria que entrar numa rotina desgastante, que não me interessava. Mas eu sempre saí bem: da *Veja*, *Jornal do Brasil* eu saí porque quis. Eu queria aproveitar esse embalo para ter experiências novas e achei muito fascinante ir pra um estado que eu não conheci, para um jornal com um formato que eu não conhecia, com uma geração que eu não conhecia e achei que fiz muito bem. O *Estadão* foi a minha maior aventura: a mais difícil e a mais bem sucedida. Mas eu não fico reivindicando: "isso aí é meu". Tenho um prazer muito grande em ver que o jornal ficou como eu queria que ficasse.

**Antes da *Zero Hora*, vamos perguntar mais algumas coisas do *Estadão*. Você contou essa história da foto, muito engraçada. Em que medida, às vezes, a redação foi mais realista do que o rei?**

Sempre. Eu digo sempre que os meus maiores problemas foram vividos com os jornalistas, não com os donos, porque eles são mais realistas do que o rei. Eu cheguei ao *Estadão* e o *Estadão* não mencionava o nome do Quércia, dizia governador; não falava Brizola, falava caudilho... O que tinha acontecido? Num dia qualquer, ele [doutor Júlio] estava especialmente irritado com o Quércia, falou: "Não põe o nome dele". Era para aquela edição, mas virou... Então, precisa alguém independente chegar e falar. Eu argumentei jornalisticamente: "doutor Júlio, governador são vinte e tantos. Toda a nota que sai sobre o Quércia é contra. Por que não põe o nome dele mesmo?" Até porque é menor. Governador já é uma linha inteira, dá até pra um verbo... Quércia não presta, Quércia é corrupto!" "Tá. Tudo bem". "Caudilho para o Brizola, doutor Júlio, é demais! Caudilho é a Revolução Farroupilha". Aí eu dei vários títulos contra, que eles mereciam, aí ele ficou sossegado. O *Estadão* era processado toda hora, porque fazia denúncias absurdas contra os inimigos. Aí eu falei: "doutor Júlio, denúncia repetida e improcedente desmoraliza; tem que guardar para dar um tiro de chumbo grosso". Aí, apareceu um setorista lá do Planalto contando com orgulho a história de que ele tinha falado no meio da entrevista coletiva o seguinte: "ô Quércia, e a corrupção?" O Quércia falou: "em primeiro lugar, você me chame de governador, segundo: qual é a pergunta? Eu não quero mais saber de entrevista". E interrompeu. O cara veio contando isso. Eu esperei quinze dias e demiti. Chamei e falei: "agora é tarde para você falar com o Doutor Júlio o que eu estou te dizendo, porque eu vou negar. Eu

vou dizer que eu estou te demitindo por incompetência, mas eu quero que você saiba que eu estou te demitindo por vassalagem. Eu também não gosto do Quércia, mas você faz isso por vassalagem. Se precisasse gostar, você gostaria". Falei isso para esse cara para ele contar para os outros.

Com a ajuda do Luís Cláudio Cunha, provoquei um encontro entre o Brizola e o doutor Júlio. Foi o máximo, nós dois ficamos no fio da navalha. Combinamos que eu falaria para o doutor Júlio que o Brizola pediu para almoçar com ele, e o Luís Cláudio, que era amigo do Brizola, ia dizer que o doutor Júlio estava convidando. Aí marcamos no Estadão. Eu não assisti, evidentemente, a conversa, mas uma frase me bastou... Uma frase e depois, a informação do Doutor Júlio. Ao entrar, o Brizola com aquela cara de pau maravilhosa que ele tinha - isso era chegando aos anos, 1990, ele disse assim: "doutor Júlio, como nós éramos muito moços em 64..." [risos]. Aí, quando eu entrei: "como é que foi, doutor Júlio?" Ele estava com uma expressão feliz e disse assim: "ele [Brizola] estava tão nervoso que ficou sentado o tempo inteiro com meia bunda no braço da cadeira". Eu fazia isso, porque, naquela época, você precisava desintoxicar o noticiário do Estadão. O editorial, eu até pus na primeira página, a conselho do Mauro Salles, porque é uma marca do jornal. Mas você não pode poluir o noticiário com aquilo. Eu defendia o seguinte: noticiário objetivo, a notícia, ponto. Hoje eu não defenderia isso, porque hoje só tem salvação o jornal que dá coisa além da notícia. A notícia já é da Internet e da televisão. Os jornais, se não mudarem, morrem. Eles estão cada vez mais antigos, eu tenho vergonha de ler os jornais em que eu trabalho e ver a manchete de ontem. Por exemplo, a crise americana, que já vivemos ontem, mas sem uma única explicação dizendo em que medida ela pode afetar o leitor. Essa é outra conversa. Voltando para o *Estadão*: lá, você precisava separar o noticiário do editorial, e foi o que eu combinei com Doutor Júlio e ele cumpriu. Eu vivi situações muito difíceis, porque naquela época todo mundo era do PT, cem por cento. Cem por cento não, porque eu estava lá, um ou outro. Eu dizia o seguinte: este jornal tem dono que é conservador (ou é de direita), se o PT quiser assumir o poder no Estadão, vai haver um banho de sangue e eu vou ter que sair junto, porque, eu não vou ficar solidário com esta história. Então é o seguinte: "conta a verdade". A notícia vinha o seguinte: "Os seguranças do Collor agrediram os petistas" (aquela briga em [Duque de] Caxias que foi meio violenta). Eu dizia: "Combustão espontânea? Não ouviram nada?" Eu telefonava cobrando e havia a censura na origem, o repórter te negava esses fatos. Não havia jornalista com independência política, porque o Brasil ainda estava muito polarizado. Embora estivesse acabado o regime militar, era o seguinte: o Bem e o Mal. O Bem era o PT na cabeça das redações. Então, a cobertura do Lula e do Collor, em 89, foi muito difícil, porque eu tive que me

equilibrar entre um patrão a favor do Collor e a redação a favor do Lula. Houve situações difíceis: durante um dos debates, eu estou conversando com o patrão, de repente, salva de palmas para o Lula. O Julinho ligava a televisão e aparecia o José Paulo Kupfer, editor-executivo, na TV Gazeta, dando um pau no Collor. E eu tinha que, o tempo todo, impedir o banho de sangue. E também trabalhar em nome dos leitores. Eu não acho que fizemos um boa cobertura, acho que foi muito ruim, ela oscilou, mas eu fiz o possível e aprendi suficientemente para que a seguinte, na *Zero Hora*. Ali eu já cheguei e falei "Quem botar aqui o material de publicidade de qualquer candidato, será demitido por danos ao patrimônio da empresa". E demitiria mesmo, para acabar com isso. No *Estadão*, o cara ia trabalhar com a camiseta do PT, aí fica difícil. Foi complicado. Lá eu tinha que enfrentar também os editorialistas. Aí eu dei vazão a minha tendência de arquiteto enlouquecido. Eu peguei, numa noite, falei assim com o João Vitor Strauss: "vamos mudar a paisagem aqui, porque esses editorialistas estão muito perto do doutor Júlio e vêm toda hora intrigar, vamos jogar eles lá pra o bairro do Limão" (a gente brincava que a redação era tão grande que tinha uma parte na Freguesia do Ó e outra no bairro do Limão). Existem fotos do João Vitor entre os escombros, dos caras derrubando... Era tudo madeira, derrubaram tudo e puseram lá no fundo. Quando os editorialistas chegaram na segunda-feira, eles queriam me matar. O mais moço deles veio e eu falei: "Isso aqui é o projeto saúde. Esses caras já estão com uma certa idade, se eles não andarem, se movimentarem, eles vão ter um enfarte, é bom caminhar. Eles caminham para conversar com o doutor Júlio toda hora. Agora: se tiver alguém lá se sentindo muito bem, achando que está perdendo o tempo, eu dou um skate" [risos]. Você imagina a minha popularidade... Nenhum diretor de redação consegue ser eficiente se ele quiser ser popular, são incompatíveis os termos. Você tem que demitir.

### **Quando você deixou o *Estadão*, como estava a disputa com a *Folha*?**

Nós equilibramos a disputa, ficou pau a pau. O *Estadão* ia morrer. Não fui eu que salvei não, foi esse grupo, e foi basicamente a família do lado do doutor Júlio que topou mudar, porque o *Estadão* se tornou profissional. Ia morrer por causa dos defeitos. Então vinha aquela conversinha da *Folha*, esperta, mas eu não seguia: "estão copiando"". Eles falavam que a gente estava copiando quando eu criei uma coluna social. Ora, o *Estadão* teve coluna social em 1908. Podem falar o que quiser. Dividi em cadernos, criei... Eu criava as coisas que tinha que criar, criei a página de Opinião, que não existia. Então, o *Estadão* começou a ficar um pouco mais plural, dar abrigo a outras tendências, e aí empatou, embora eu sempre tivesse achado que os dois tinham uma tiragem muito baixa. Somando a venda em

banca dos jornais dava 70 mil exemplares numa cidade de mais de 10 milhões como São Paulo. É pouco. Nós não tratamos da vida real dos leitores, o jornal fala na estratosfera. Quando você tinha um plano econômico, a tiragem dobrava, quando acabava, não sobrava resquício nenhum. Então, nós somos lidos por um grupo muito pequeno. Na briga com a *Folha*, se conseguiu dividir isso aí ao meio. Conseguimos arejar o *Estadão*. Nós todos botamos o Estadão num trilho que não tem desvio. Ele tem que ser moderno hoje. Eu estava lendo agora que o Estadão está contratando novos articulistas, são escritores, Milton Hatoum, é esse o caminho que foi aberto naquela época.

### **E como foi sua experiência na Zero Hora ?**

A *Zero Hora* foi como se você trabalhasse no exterior porque o gaúcho, ele se acha brasileiro como um ato de generosidade para com o Brasil. É um prêmio para o Brasil ganhar o Rio Grande do Sul. Aí eu peguei um jornal que era tablóide. Percebi imediatamente que se eu tentasse transformar aquilo em standard, eu teria cometido a mesma loucura que seria transformar o *Estadão* em tablóide. Então é aquilo, é tradição. O gaúcho não é acolhedor, não é hospitaleiro, ele te trata como estrangeiro, te assimila com dificuldade, mas também eu fui disposto a fazer o serviço, disposto a tudo, não queria também ser popular e levei comigo três ou quatro gaúchos: o Peninha (Eduardo Bueno), o Cadão (Ricardo Chaves), o Zé Onofre, gaúchos já cosmopolitas, já tinham uma visão moderna. Eles é que me explicavam tudo isto: se um atleta gaúcho ganha uma medalha olímpica, é "Gaúcho ganha medalha olímpica", quando nós não dizemos "Paulista, carioca", somos brasileiros. Segundo: eu disse, numa matéria que todo mundo tinha que torcer pelo Grêmio na final internacional do Japão. É a mesma coisa que pedir para o Carlos Lacerda apoiar o Getúlio Vargas, é uma coisa de ódio mortal. Tudo no Sul é isto ou aquilo. Ou é frio ou é quente. Maragato ou chimango, é tudo assim. O jornal era tão regionalista, que eles falavam para dentro, falavam "lomba embarrada" (quer dizer: subida com lama). Eles usam o verbo iniciar como se fosse começar... Na redação, eu ouvi um cara - chefe de reportagem - falando: "eu tinha ouvido...". Não acreditei: "esse cara falou ouvido". E o cara repetiu. É isso mesmo: ouviu e viu. Legal, mas está errado. E os caras escreviam...Então eu comecei a fazer o seguinte: "aqui tem que ser radical". Há três anos não tinha aumento, ninguém saía, ninguém era demitido, era uma repartição pública da pior qualidade. Era aquela estabilidade do lago. Reuni os editores e pedi: "em cem dias, quero que vocês avaliem a própria equipe. Não é preciso demitir ninguém por motivo de redução de custo" - de fato não era -, "se a equipe está legal, bom; se vocês acham que em vez de seis, cinco bastam, tira um e dividam esse dinheiro entre

vocês, porque eu quero fazer o seguinte: quem ficar vai ter aumento e quem não é bom sai". E dei cem dias. E falei claramente: "enquanto isso, eu avalio vocês". Num dia só foram 43 demissões numa redação de 170, é um negócio traumático, eu tinha que fazer de uma vez. E aumentos. Aí aconteceu um negócio que é dramático, mas muito engraçado. Terminada a noite do terror, os que tinham tido aumento de salário saíram felizes e foram para um bar. E os que saíram desolados e irritados pois tinham sido demitidos foram para o bar, só que era o mesmo bar. Quando chegaram os demitidos e viram aquela turma festejando, saiu o maior pau da história de Porto Alegre e foi ótimo porque eles acabaram mais se ocupando da briga entre eles do que de mim. Aí eu fiz o que você tem que fazer nessa hora: tirar a tampa da panela de pressão e deixar que os talentos que estão ali sufocados apareçam. Aí foram aparecendo: Eliane Brum, Marta Gleich, Marcelo Rech, grandes jornalistas que já estavam lá. E aí eu comecei a nomear para cargos de chefia. Eu acho que a maior contribuição que eu poderia ter dado à imprensa do Rio Grande do Sul - e dei - foi introduzir a meritocracia e entregar a *Zero Hora* para os gaúchos. Eu decidi, no primeiro ano, que o Marcelo Rech seria o meu sucessor e anunciei. Foi uma sucessão tranqüila, preparei o Marcelo Rech, que está lá até hoje como diretor. Havia uma bela equipe. Eu quis fazer da *Zero Hora* - e acho que em certa medida fiz - não um jornal nacional, mas um jornal gaúcho com repercussão nacional, capaz de fazer coisas importantes. *Zero Hora* hoje é o jornal com o maior número de leitores per capita, porque ela tem uma tiragem equivalente à *Folha* e ao *Estado* num universo muito menor. Era meio a meio, a venda em banca e assinatura, numa cidade que tem estações do ano. Então, quando você pega dias de frio e chuva em Porto Alegre, não há quem saia para comprar. Havia encalhes em dia de frio. Então a gente foi mudando, mudando, hoje a relação é 75% assinantes 25% banca, como se deve fazer nos grandes jornais. Foi criado lá pela própria empresa um jornal popular que vende horrores. Então a minha maior contribuição à imprensa gaúcha foi entregá-la para os jovens talentosos do Rio Grande do Sul. Eu vivi muito bem no Rio Grande, porque eu também faço o meu ambiente. Eu sabia, por exemplo, que ia ouvir um dia do Alceu Colares "Você é um forasteiro". Eu já tinha tudo pronto e falei: "como o senhor. O senhor veio de Bagé e eu vim de São Paulo". "Sim, mas onde você vota?" "Na seção X". Primeira coisa que eu fiz foi transferir o título de eleitor. Eu votei lá. Aliás, só de sacanagem eu votei no Nelson Marchezan, que era da direita, e na Luciana Genro. Telefonei para o Tarso Genro e falei: "Não sei se você vai ficar contente, mas eu votei na tua filha, e se você quiser conferir, é a única cédula do Rio Grande do Sul que tem Nelson Marchezan e Luciana Genro".



**Em um projeto de memória do jornalismo, é impossível não perguntar sobre o livro *Minha razão de viver*, com o depoimento de Samuel Wainer. Como foi esse trabalho?**

Esse trabalho foi muito interessante, porque conversei uma vez com o Samuel Wainer sobre a possibilidade de fazer um jornal no ABC. Não tratamos de mais nada. A Pink Wainer me procura um dia - ela era minha amiga e todos os programas de televisão que eu fiz, eu fiz dirigido pelo Roberto de Oliveira, que era casado com a Pink - eles dois me procuraram: "quem você acha que pode amarrar esse livro aqui?" Porque a Pink tinha de gravado todos os depoimentos, eram 42 fitas, que o Samuel tinha dado a quatro jornalistas (a Marta Góes, os outros eu não me lembro). O Samuel tinha feito o mais descosturado dos depoimentos que você possa imaginar, ele estava numa viagem íntima e dizia o que vinha à cabeça. Você perguntava sobre Jerusalém, ele falava do Rio, você perguntava do Rio, ele falava de Nuremberg... Então, o livro era um caos para arrumar, mas o que tinha de informações explosivas, me deixou encantado. Eu procurei a Pink e falei: "Olha aqui, Pink, eu tenho que ser honesto, se fosse sobre o meu pai, eu não publicaria esse livro, porque eu acho que o Samuel fez um copião, ele ia mexer." Só que a Pink não entende esse jargão, ela não entendeu bem e falou: "Essa é versão dele, eu quero que saia assim". Respondi: "então eu faço". Fiz o livro sem computador, não porque não havia computador. Era atraso mesmo, então eu cortava, escrevia de novo, datilografava. Demorou uns dois anos. Eu escrevia nos intervalos da *Veja* (e não tinha intervalos, só de noite). Mas eu fui gostando daquilo e fui escrevendo e mudei tudo. Eu só mantive as falas, mas eu ficava ouvindo as fitas para não me afastar tanto da linguagem dele. E eu omiti - isso a Pink nunca soube - uma pequena malandragem que eu fiz em favor da história. Eu achei, no meio desses papéis, duas páginas datilografadas pelo Samuel que se continuasse, seria um desastre que começava assim: "minha vida foi balizada por dois homens: Carlos Lacerda e Getúlio". Você pára por aí... Eu mudei tudo, comecei com aquela cena que está ele e o Jango, Getúlio, no quarto. Quando eu fui autorizado pela Pink a escrever um texto pra *Playboy*, eu peguei a lambança dele com os empreiteiros. Ela rompeu comigo. "Então, Pink, te prepara, que é isso que vai ser notícia". Como foi. Depois ficamos amigos, foi uma coisa passageira. Mas ela não sabia que o Samuel ia reescrever, ele estava dando um depoimento para depois filtrar. E morreu. Então, por obra do acaso, é o primeiro livro de memórias absolutamente sincero, conta tudo. Ele só pediu que não fosse dito que ele tinha nascido - isso saiu na segunda edição -, na Bessarábia, porque muita gente tinha mentido em favor dele deliberadamente na CPI. E também quem era o cara que tinha dado o dinheiro que

ele levou para a Suíça. Depois, nós revelamos que era o Jorge Serpa. Foi uma série de coincidências.

**E qual é a sua opinião sobre um projeto como este, que tenta resgatar a memória do jornalismo?**

Primeiro eu fico muito honrado em participar desse projeto, porque eu acho que a gente cuida pouco disso. O jornalista está aí, esse livro do Samuel mostra que se você pegar um determinado personagem, você tem um corte na história do jornalismo, na história do Brasil e tem um grande perfil, porque o cara vive experiências jornalísticas. Essas pessoas que você está entrevistando têm uma história que se confunde com a história do Brasil, porque você acaba sendo testemunha e protagonista, às vezes, de fatos históricos importantes como esse de que estamos tratando: coisas que eu vi, conversa com o Geisel, conselho do Golbery... E acho importante, porque é sempre um trabalho plural. O meu ponto de vista não é necessariamente o dos outros. São gerações diferentes, histórias diferentes, mas são todos jornalistas que desempenharam um papel importante e que se respeitam. Eu acho que a fusão desses depoimentos é um negócio interessante.

O jornalista descobriu, há pouco tempo, a importância da biografia. Estão aí o Ruy Castro, o Fernando Moraes... Tivemos o Chateaubriand, o Chatô, mas e os Mesquita? E os outros diretores de redação? Você tem histórias que não acaba mais. Isso é mais do que uma história do jornalismo, você acaba tratando de uma época. Se vocês filtrarem isso, vocês estão dando um quadro do que foi o Brasil de 1960 até agora, visto por quem olhou de perto esse negócio. Nós estávamos num mirante muito privilegiado. Faz vinte anos que eu convivo com todos os padrões. Eu pretendo escrever um livro sobre isso. Eu convivi bastante com os Mesquita, com o Roberto Marinho, quando eu dirigi a revista *Época*, convivi com os Sirotsky, com os Levy, com Nelson Tanure, Nascimento Brito. Aliás, eu brinco sempre dizendo que se não parecesse que é um trabalho homossexual - nada contra, mas não é a minha especialidade - daria o nome desse livro de "Meus homens", porque na redação só se identifica o padrão assim "o Homem quer". Acho, então, que vocês estão fazendo um negócio muito importante. A gente não se preocupa muito com isso. Quando o jornalista se reúne, a gente conta histórias engraçadas, importantes e ninguém se preocupa em transformar aquilo em material jornalístico. E é. É isso que vocês estão fazendo.